

Astrologia: concilia-se com a fé cristã?

por Paulo Faitanin – UFF



Astrologia

1. A astrologia na Antigüidade: A observação dos astros desde a antiguidade sempre foi atestada na raiz das diversas culturas: a semítica, a egípcia, a hindu, a chinesa, a grega e a romana etc. A feitura de mapas astrais — de horóscopos e zodíacos — teve o seu ápice durante este período antigo. As observações tinham diferentes propósitos, mas, sobretudo, os de prognosticar o tempo favorável ou desfavorável ao plantio, às colheitas, às viagens, ao tratamento médico, etc. É fato, também, que a maioria destas culturas cultuava e consultava os astros como se o fizesse a seres divinos. Na maioria das vezes, se consultava acerca do conhecimento do destino humano, da prosperidade da vida no amor, na riqueza, na milícia e no poder.

Pautado no anterior, podemos dizer que a astrologia, de um modo geral para os que creram nos astros como deuses, era uma disciplina pela qual se presumia deduzir dados inerentes ao conhecimento do destino humano, tendo como base a observação dos astros, seus movimentos, respectivas posições e influências sobre os corpos. Por isso, dentre os povos que a cultivaram, os astros foram considerados de natureza divina: corpos celestes.

Este fato muda predominantemente com a ascensão da religião judaica entre os hebreus e a sua influência sobre outras culturas. A crença num Deus espiritual subjugava a ordem do universo material à Vontade do Deus único. A Lei Mosaica, em sua essência, abomina a consulta aos astros. O destino do homem é a Vontade de Deus.

Isto ficará mais evidente no Cristianismo. Os escritores cristãos dos primeiros séculos criticaram e combateram veementemente a concepção dos influxos astrais na determinação do destino, expresso às vezes nas formas de um autêntico fatalismo e, ao mesmo tempo, no recurso a práticas adivinhatórias e mágicas, no intuito de conhecer esse destino.

De modo geral, os grandes pensadores do período patrístico derrocaram esta prática: Taciano atribui tal consultismo à atividade demoníaca; Inácio de Antioquia e Tertuliano interpretaram o episódio evangélico dos Reis Magos no sentido de que, com o nascimento de Jesus, a astrologia foi derrotada, perdendo toda a eficácia a consulta aos astros. S. Agostinho denomina a astrologia como a arte dos horóscopos [*Confissões*, IV, 3,4]; sendo uma arte inútil e falsa, pois a consulta às estrelas é perfeitamente inútil para conhecer o destino da vida [*De Doctrina Cristiana*, II, 22,23], porque a vontade humana não

se subordina à posição dos astros [*De Civ. Dei*, V, 6]. Deve ser repudiada esta pseudociência [*De Doctrina Cristiana*, II, 23,35].

2. A astrologia em Tomás de Aquino: Recentemente, muitos autores fiéis à idéia de uma astrologia interventora do destino humano, contra inclusive o livre-arbítrio do ser humano, se equivocaram ao citar TA como defensor da Astrologia, assim considerada. Para TA astrologia, é sinônimo de astronomia. Por isso afirma como objeto da astrologia o que hoje em dia consideramos o objeto da astronomia: o movimento e a localização dos astros [In I Anal., lect. 25; In II Physic. lect 3; In III Metaph., lect. 7]. Considera a astrologia como uma das ciências matemáticas [In II Physic. lect 3].

TA admite que o astrólogo pode prognosticar o futuro determinado, como um eclipse solar ou lunar, pela análise das causas físicas, pela observação do movimento dos astros e da influência que estes causam nos corpos físicos [S. Theo. I, q.115, a.4, ad3; II-II, q.95, a.1]. Mas isso não significa que os astros possam influenciar a vontade e a liberdade do homem, ou que os astrólogos possam prever isso. Assim, o Aquinate estabelece que nem mesmo os prognósticos dos astrônomos são necessariamente verdadeiros [In II De caelo, lect. 17; S. Theo., I, q.32, a.2, ad.2] Como dissemos, a maioria dos cristãos medievais via a consulta aos astros no que se refere ao prognóstico do destino e da vontade humanas, um pecado gravíssimo, embora, nos últimos tempos da Idade Média, os não-cristãos propalaram com força a sua crença na influência dos astros sobre as suas vidas, na determinação dos seus destinos .

TA não considerava pecado a consulta aos astros, enquanto prognóstico para o plantio, para a colheita, etc. Não negava, segundo esse último propósito, a influência dos astros sobre os corpos. Não obstante, negava veementemente a influência dos astros sobre o que é de matéria da razão, da vontade e da liberdade humanas. Por isso, seguindo a tradição cristã, TA considera pecado grave a consulta aos astros sobre o que é de matéria da razão, da vontade e da liberdade.